

# SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO: DILEMA PARA O BIBLIOTECÁRIO

César Augusto CASTRO  
UFMa

Maria Solange Pereira RIBEIRO  
UNICAMP

## RESUMO

Analisa-se alguns aspectos atinentes à Sociedade da Informação contrapondo-a com a esfera da Sociedade que encontra-se à margem do saber e do conhecimento. Neste contexto situamos a formação do bibliotecário.

**Palavras-chave:** Sociedade da informação; Bibliotecário-formação.

Com as novas tecnologias de informação/comunicação, a produção e circulação do conhecimento neste final de século aumentou vertiginosamente, dificultando o seu estoque e originando uma *Crise Informacional*, entendida como mudanças nos paradigmas do fazer científico e nas concepções sobre verdade. Tal fato, tem levado a diferentes e inúmeros questionamentos sobre a legitimidade e natureza do saber, na medida em que se perde o controle do que é produzido em espaços e tempos determinados. Para Baudrillard (1992, p.38) não há crescimento de informações, mas excrescência, um descontrole dos sistemas, ou seja, está ocorrendo, apesar do grande fluxo de informações, um espaço vazio de sentidos: *a crise*,

que entendemos como processo intermediário e necessário, para restituir a ordem. Caos/Ordem/Desordem são fatores imprescindíveis para regular os sistemas, regular a ciência, regular os homens, regular a vida. Estamos vivendo sobre: "A sombra de Dionísio, o deus dos 'cem rostos, o deus da versatilidade, do jogo, do trágico, do desperdício de si mesmo" (Maffersoli, 1995, p.80), das ambigüidades.

As ciências mudam de direção: se antes o interesse era entender a complexidade dos fenômenos, hoje interessa verificar os nadas, o cotidiano:

*"Não convém esquecer, porém, que as rotinas da vida cotidiana não se reduzem àquelas do dia-a-dia e são elas próprias, às vezes, que preparam o tempo da sua interrupção, da festa. A divisão física e social do tempo (dia e noite, semanas, meses, anos), os ciclos da natureza e da vida impõe rotinas diferenciadas, diurnas ou intermitentes, à vida cotidiana. Além disso, a própria movimentação do homem nos espaços e nas esferas do cotidiano (centro, periferia, trabalho, lazer, e vida familiar) é complexamente influenciada pela ordenação sócio-cultural do tempo (Azanha, 1992, p.116-117).*

A título de exemplo, das mudanças dos paradigmas investigativos das ciências, em especial, as chamadas sociais, podemos citar a histórica, que volta sua atenção para os fatos *insignificantes*: a pobreza, (Geremek, Bronislaw, em *Os Filhos de Caim*) a loucura, o sexo, (Foucault, em *História da Loucura* e *História da Sexualidade*), os pequenos homens (Ginzburg, em *O Queijo e os Vermes*), a cultura popular, (George Rudé e Bakhtin).

*"... os historiadores [...] abandonaram os mais tradicionais relatos históricos de líderes políticos, instituições políticas e direcionaram seus interesses para as investigações de composição social e da vida cotidiana de operários, criados, mulheres, grupos étnicos e congêneres" (Hunt, 1992, p.2).*

O isolamento científico, tecnológico (e pessoal) cedem lugar para as disciplinaridades (inter, multi, trans) para a poliepistemologia, para o intercâmbio de informações e dados através dos chips. "Interneticamente" falando, pode-se sem sair de casa visitar o Vaticano, conhecer o Louvre, participar das novas descobertas

tas da ciência na França ou Estados Unidos e, até, manter relações íntimas com uma pessoas do outro lado do mundo. A única regra é o uso da criatividade.

Essa nova ordem científica desordenou o saber, desordenou as guardiãs e transmissoras desse saber (escolas, bibliotecas, museus, arquivos etc.). Os profissionais da chamada ciência da informação, deixam os tradicionais postos e vagueiam entre as "NET'S". Os conceitos e nomenclaturas perderam os seus domínios. As metodologias de investigação científica fragmentam-se, não é mais concebível encarcerarmos uma produção ou um intelectual em uma camisa de força: positivismo, marxismo, funcionalismo etc. Portanto, tudo exige uma (re)leitura, uma adaptação aos novos tempos. As teorias de Marx, Comte e, até, os apóstolos Mateus, Marcos e os demais, devem ser entendidos sob uma outra ótica, a ótica do terceiro milênio, da era pós-industrial e pós-moderna.

Essa ruptura com os velhos objetos da ciência não significa um abandono do passado, mas estes tomados sobre outras dimensões, perspectivas e discursos. Sem dúvida, estamos vivendo um novo ciclo de construção do conhecimento, que assume o valor de mercadoria, obedecendo as leis de oferta e procura:

*"O momento é de negar os princípios da era industrial, provocando o abalo das teorias já consolidadas. Neste contexto da crise, desenvolve-se o conceito de sociedade do conhecimento como novo paradigma sócio-econômico. Surgem questionamento e polêmicas no âmbito das ciências econômicas, uma vez que os modelos conceituais vigentes - taylorismo, fordista, materialismo histórico -, não se adequam a essa orientação econômica, totalmente diversa da ideologia e princípios que fundamentam a sociedade industrial" (Borges, 1996, p.181).*

Esse novo paradigma emergente que se processa em todos os aspectos da vida cotidiana, em especial nos campos da C&T,

*"...tende a ser um conhecimento não dualista, um conhecimento que se funda na superação das distinções tão familiares e óbvias que até pouco tempo considerávamos insubstituíveis, tais como natureza/ cultura, natural/artificial, vivo/inanimado, mente/matéria, observador/observado, subjetivo/objetivo, coletivo/individual, animal/pessoa" (Sousa, 1995, p.40).*

As sociedades evoluíram e com elas novas determinações econômicas, informacionais e sociais estabeleceram-se até alcançarmos no presente a denominada Sociedade da Informação, onde:

*"As cadeias da tradição são substituídas por cadeias de transferência da informação: a testemunha pelo documento e pela prova; a experiência, pela experimentação; o ancião e o viajante, pelas bibliotecas; os arquivos, os jornais, o rádio, a telecomunicação; a comunidade de interlocução da narrativa, pela solidão dos homens da informação" (Gomes, 1995, p.78).*

No quadro abaixo, há uma tentativa de demarcarmos características das diversas sociedades, da primitiva à atual, denominada da informação/ conhecimento. Contudo, não se deve entender estas demarcações como contrapontos ou aspectos evolutivos, mas como fatores da relação do homem com a cultura em tempos e espaços determinados.

Sociedade Primitiva	Sociedade Feudal	Sociedade Industrial	Sociedade da Informação
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Natureza - fator de agregação;</li> <li>• Economia centrada na troca;</li> <li>• Informação localizada e rudimentar;</li> <li>• Atividades manuais.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Terra - fator de agregação;</li> <li>• Economia agrícola e monetária;</li> <li>• Atividades manuais desenvolvidas e em sistema de cooperativas;</li> <li>• Informação localizada e centralizada em espaços determinados (mosteiros, universidades) e privilegiados (ensino humanista para os nobres e "subleitura/informação" - <i>bibliothèque blue</i> para a plebe).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Relação homem-máquina;</li> <li>• Produção em série;</li> <li>• Economia capitalista;</li> <li>• Conhecimento tecnológico em detrimento do intelectual;</li> <li>• Relações de trabalho conflituosas;</li> <li>• Cidade no lugar de campo;</li> <li>• Mão-de-obra especializada em maquinários;</li> <li>• Informação sigilosa e "localizada";</li> <li>• Redes e sistemas de informação nacionais;</li> <li>• Atividades profissionais centradas em empresas.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Relação homem/conhecimento;</li> <li>• Informação desterritorializada;</li> <li>• Inteligência humana X inteligência artificial;</li> <li>• Conhecimento determina as leis de mercado;</li> <li>• Economia neo-liberal;</li> <li>• Metalinguagens e Meta-informação;</li> <li>• Redes de sistemas de informação transnacionais;</li> <li>• Atividades profissionais destituídas do lugar físico.</li> <li>• Redes e sistemas de informação nacionais;</li> <li>• Atividades profissionais centradas em empresas.</li> </ul>

A literatura no campo da Biblioteconomia nacional, (Araújo, 1995; Masuda, 1982; Barreto, 1994 e outros) e internacional (Belkin, 1978; Lancaster, 1994 e outros) se reporta a denominada Sociedade de Informação como dado concreto e estabelecido. Em parte não discordamos destes autores, no entanto, cremos que o que há em nossa realidade são *Núcleos Sociais de Informação*, restritos a espaços determinados como Universidades e outras Instituições de Pesquisa e, ainda, fortemente localizados, especialmente nas "regiões mais desenvolvidas". A sociedade brasileira caracterizada historicamente por alarmantes índices de desigualdades regionais, sociais, educacionais, culturais, provavelmente não nos permite, no momento, generalizarmos que estamos em uma sociedade de informação.

Ao lado da Sociedade da informação, há sem dúvida uma outra - a *Sociedade da Desinformação* - que pouco é retratada, porque aquela esconde esta, ou esta não é objeto do desejo da Biblioteconomia. Ao tratarmos da primeira, sem desviarmos o olhar para a "outra", construímos um discurso vazio de sentidos.

Notícias retiradas de jornais de grande circulação do Estado de São Paulo, evidenciam o porquê da colocação acima. Cabe ressaltar que estas notícias foram aqui resumidas:

*Silvana, 17 anos, abandonada desde os 5 anos na Praça da Sé, faleceu de AIDS na noite de ontem em um hospital público da grande São Paulo, afirmou desconhecer preservativos.*

*João de Deus, lavrador, roubado em uma agência bancária ao entregar a sua senha escrita, em um pedaço de papel, a um jovem de 15 anos. Ao ser questionado pelo gerente afirmou que pediu ajuda por não saber ler.*

Estes são apenas dois exemplos, mas poderíamos citar vários. Provavelmente a sociedade da informação não atingiu ainda, parte significativa da população brasileira. Este alcance só será possível na medida em que outras necessidades forem atingidas, quando o fosso das desigualdades estiverem minimizados: pobre/rico, sem terra/latifundiário, favela/mansão, alfabetizado/ analfabeto.

A relação sociedade da informação/desinformação, nos alcança cotidianamente nas ruas, nas praças públicas, nas conversas de bar e, contrariamente nas Universidades. De um lado, encontramos cientistas que descrevem com propriedade as mais recentes descobertas nos campos da biogenética, da física, da cibernética e em direção contrária, pessoas que não sabem sequer decifrar o código escrito, quadro que exige dos profissionais da informação, uma dupla e diferenciada atuação: atender a uns poucos, que constituem a sociedade da informação e à grande maioria, os *desvalidos informacionais*. É evidente que se torna mais fácil lidar com o conhecido, menos problemático, ou com aquilo que nos dá mais reconhecimento e "status profissional".

Por outro lado, a formação destes profissionais por força das pressões curriculares, envoltas nos discursos da modernidade, centra-se na primeira sociedade, enquanto a segunda apresenta-se como diletantismo, coisa menor, dos pobrezinhos, como habitualmente ouvimos de alguns companheiros que se encontram imersos nas novas tecnologias, com os chips. Sem dúvida, há um imaginário, construído pelos e para os bibliotecários, de que as novas tecnologias da informação, engrandecem a profissão, resolvem velhos problemas de armazenamento e transferência do conhecimento. Este discurso serve para escamotear uma prática onde mudaram os meios, mas a essência é a mesma. Melhor dizendo, substituímos os velhos catálogos em fichas para as telas do computador, substituímos o empréstimo manual por códigos de barras. Em resumo, o que mudou? Provavelmente só utilizamos os novos recursos para agilizarmos as atividades.

Contudo, os serviços de referência continuam os mesmos, os acervos permanecem desatualizados, o empréstimo e a catalogação cooperativa entre bibliotecas ainda é uma realidade distante:

*Embora seja verdade que desenvolvimentos tecnológicos colocaram algumas ferramentas novas dentro das bibliotecas e nas mãos dos bibliotecários, estas ferramentas não têm sido necessariamente usadas sabiamente ou com imaginação dentro da nossa profissão. Por exemplo, siste-*

*mas de circulação automatizados são vistos como equipamentos que economizam trabalho, e como meios de empréstimo de livros mais rápidos e mais baratos, e não como ferramentas importantes na análise e desenvolvimento de coleções; na verdade, catálogos on-line nada mais são do que catálogos de cartões em formato eletrônico. Não produzimos uma nova ferramenta, simplesmente automatizamos uma que já existia” (Lancaster, 1994, p.23).*

A formação dos profissionais da informação, como qualquer outro campo, deve ter como matriz as mudanças operadas na sociedade, mas considerando também e, principalmente, a cultura, o contexto e as necessidades dos indivíduos. Para atender a emergência da sociedade da informação, que em parte, centra-se no uso e disponibilidade das novas tecnologias, é mister uma adaptação das técnicas de armazenamento e recuperação da informação, em especial, a indexação. O livro, ou melhor, os impressos em geral, aliam-se a outros materiais e suportes de informações. Daí as regras e códigos até então utilizados serem (re)vistos, (re)lidos, (re)adaptados, i.e., não adianta substituímos o serviço do homem pela máquina, é indispensável transformá-lo e adequá-lo. Neste sentido, a formação do bibliotecário ainda está presa ao passado – apesar dos discursos (pós)modernos e cibernéticos. As técnicas, práticas demarcadoras do campo da Biblioteconomia, não dão mais conta de responder as necessidades crescentes da C&T.

Por outro lado, para atender à sociedade da desinformação, deverão de ser revistas e incorporadas, novas questões, como metodologias de trabalhos comunitários, animação cultural, práticas estimuladoras de leitura, recursos e técnicas de alfabetização de jovens e adultos, dentre outras.

Talvez estejamos oferecendo a alguns a biblioteca Virtual e “internética” e para outros a biblioteca com paredes. Infelizmente, esta deve permanecer por muitas décadas do terceiro milênio, enquanto existirem jogos de interesse político, educacionais, sociais

e informacionais e, também, enquanto nós profissionais da informação, não virarmos nossa atenção para os *dois lados da mesma moeda*, ou seja, para a sociedade da informação e para a sociedade da desinformação.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZANHA, José Mário Pires. **Uma idéia de pesquisa**, São Paulo: EDUSP, 1992. 201p.
- ARAÚJO, Vânia M. R. de. Sistemas de Informação: nova abordagem teórico-conceitual. **Ci. Inf.**, Brasília, v.24, n.1, p.54-76.
- BARRETO, Aldo de Albuquerque. A questão da informação. **São Paulo em Perspectivas**, São Paulo, v.8, n.4, p.3-8, out./dez. 1994.
- BAUDRILLARD, Jean. **A transparência do mal**. Campinas: Papirus, 1992. 185p.
- BELKIN, N. J. Information concepts for informations science. **Journal of Documentation**. v.34, n.1, p.55-85, 1978.
- BORGES, Monica Erichsen Nassif. A informação como recurso gerencial das organizações na sociedade do conhecimento. **Ci. Inf.**, Brasília, v.24, n.2, p.171-180, 1995.
- GOMEZ, Maria Nélide G. de. A Informação: dos estoques as redes. **Ci. Inf.** Brasília, v.24, n.1, p.77-83, jan./abr., 1995.
- HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992, 317p.
- LANCASTER, F. W. Ameaça ou oportunidade? O futuro dos serviços de biblioteca à luz das inovações tecnológicas. **R. Esc. Biblioteconomia UFMG**, Belo Horizonte, v.23, n.1, p.7-27, jan./jun. 1994.
- MAFFESOLI, Michel. **A contemplação do mundo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995. 168p.



MASUDA, Y. **A sociedade da informação como sociedade pós-industrial**. Rio de Janeiro: Rio, 1982.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. Lisboa: Afrontamento, 1995. 58p.

#### ABSTRACT

This paper analyses some aspects regarding to the Information Society set against the layer of the society that is alongside the knowledge. In this context we try to situate the librarian background.

**Key words:** Information society; Librarian education.